

CERIMÓNIA DE BÊNÇÃO E APRESENTAÇÃO DO NAVIO PARA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS E VIATURAS ‘MESTRE JAIME FEIJÓ’

Horta, 9 de agosto de 2019

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Uma saudação a todos que aqui estão presentes e permitam-me que, de uma forma breve, partilhe convosco o gosto e a satisfação que é estar neste momento e aqui neste local, naquela que é uma cerimónia que tem um simbolismo bastante elevado – a bênção de um novo navio - mas que também, de forma simbólica, marca a entrada ao serviço deste equipamento.

Porque a vida é mesmo assim e é como é, também simboliza o fechar de um processo que se iniciou em circunstâncias menos agradáveis, com o acidente do ‘Mestre Simão’, na Madalena, no Pico, e que, 18 meses depois, se encerra com a entrada ao serviço deste novo e moderno equipamento, restabelecendo, desta forma, a normalidade naquilo que queríamos consagrar em termos de transporte de pessoas e de viaturas, sobretudo aqui nas ilhas do Grupo Central e, em concreto, no Faial, Pico e São Jorge.

Este equipamento não marca apenas a substituição de um navio. Fruto também da experiência e do conhecimento que foi possível adquirir nos cerca de cinco anos em que se implementou esta nova metodologia de transporte marítimo de passageiros e viaturas aqui nas ilhas do Faial, Pico e São Jorge, foi possível introduzir algumas alterações. Queremos crer que são melhorias, nomeadamente com o aumento da capacidade de transporte de viaturas, que permitirá também reforçar, por esta via, o papel que este equipamento desempenha no que respeita ao transporte marítimo nestas ilhas.

É também esse facto que permite hoje aqui que, simultaneamente, se possam cumprir três objetivos nestas breves palavras: uma opção estratégica, constatar e salientar resultados e potencial, e também prestar uma homenagem.

Afirmar uma aposta estratégica que se relaciona, desde logo, com a criação de condições para o transporte por via marítima, em navios ferry, de pessoas e viaturas, incluindo carga rodada, entre as ilhas da nossa Região.

A opção de construção deste navio com estas características, a opção de dotar os portos da nossa Região com rampas adequadas a esta operação ou ainda a opção de construir um navio com maior capacidade para ligar toda a nossa Região, tem a ver com uma opção política, tem a ver com uma opção estratégica de fomento da coesão regional e da economia das nossas ilhas, que se prende com a circulação de pessoas e bens por via marítima de forma eficaz, eficiente e o mais cómodo e rápido possível.

Aliás, se esta zona central do nosso arquipélago, se estas ilhas do Faial, Pico e São Jorge têm, fruto da geografia e da história, uma ideia muito clara quanto à importância, diria mesmo, quanto à essencialidade do transporte marítimo de pessoas, têm também, desde 2014 em particular, e fruto dessa decisão do Governo dos Açores, uma ideia da

importância e do potencial que encerra o transporte de viaturas, incluindo carga rodada, entre estas ilhas.

Julgo, por isso, ser inegável e inquestionável que esta opção estratégica se revela como um avanço, como um impulso mais no reforço, desde logo, da coesão entre as nossas ilhas. É também por isso que a pretensão de a alargar a toda a nossa Região é, no fundo, uma opção que se reveste de importância e de particular significado neste momento e nesta evidência, mas também quando ao potencial que se apresenta para o futuro.

Aliás, estou em condições de referir que os três estaleiros qualificados para a segunda fase do concurso público para a construção de um navio com capacidade para 650 passageiros e 150 viaturas, num investimento de cerca de 48 milhões de euros, têm o dia 18 de agosto como prazo em que termina a fase de apresentação de propostas de conceção e de construção desse equipamento.

De igual modo, também estou em condições de anunciar que, até ao final do corrente mês de agosto, o Governo prevê lançar, através da Portos dos Açores, o concurso para a empreitada de construção da rampa ro-ro no Porto das Pipas, em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira.

O segundo aspeto tem a ver com a referência a resultados e ao potencial que estas opções encerram. Relativamente aos resultados, eles falam por si em termos de crescimento do número de passageiros, mas, sobretudo, em termos daquele que é o potencial para, a partir do transporte de viaturas, incluindo carga rodada, transformar, reforçar, no fundo, levar à concretização aquela que tem sido uma opção prosseguida há muito e de diversas formas e que tem a ver com o reforço da coesão regional, a criação de um autêntico mercado interno.

Não posso, nesta circunstância, e em termos de resultados, deixar de referir um dos aspetos que - e este é o meu testemunho - mais me marcou quanto à opção de construir esta tipologia de equipamento. É algo que partilho hoje aqui convosco, já o fiz também numa ilha vizinha, na ilha do Pico, porque a opção de dotar estes navios com capacidade de transportarem viaturas e, em concreto, ambulâncias, para além da enfermaria com que estão dotados, tem a ver com as circunstâncias de ter presenciado, há alguns anos, as condições em que se processava a evacuação de doentes entre o Pico e o Faial.

O facto é que hoje, salvaguardada, obviamente, esta matéria, que é uma matéria da competência médica, se for necessário que um doente entre numa ambulância num Centro de Saúde da ilha do Pico e só saia dessa ambulância no Hospital da Horta, estão criadas as condições para que isso aconteça. Isso diz muito em termos de comodidade, de conforto, mas diz muito, sobretudo, em termos de dignidade daqueles que se vêm nessas circunstâncias.

Este é um aspeto que este navio acaba por consagrar e por garantir, não apenas com a enfermaria que tem a bordo, mas também com essa possibilidade, que continua a existir, do transporte de ambulâncias, salvaguardado que é sempre uma decisão médica em que termos é que essas evacuações devem ser feitas.

Por último, uma homenagem, que, neste caso, prossegue aquilo que tem sido feito com equipamentos e infraestruturas, sobretudo nas ilhas do Triângulo: associar a novos

equipamentos, modernos, os nomes daquelas que são figuras de referência, incontornáveis, nesta área do transporte de pessoas e bens entre estas ilhas. É assim com o ‘Gilberto Mariano’, foi assim com o ‘Mestre Simão’, é assim com o ‘Mestre Jaime Feijó’, como também foi com o Terminal Marítimo ‘João Quaresma’.

Isto tem um sentido claro, que se prende com querer marcar e salientar o contributo que esses homens deram para a vida coletiva e para a comunidade nestas ilhas, mas tem também o sentido de refletirmos um pouco neste percurso e neste trajeto que temos feito ao longo do tempo.

Temos que ter sempre a ambição de querer mais e de querer melhor, mas temos que ter também a capacidade de recordar o trajeto que fizemos ao longo deste tempo. Um trajeto de melhoria, um trajeto que, na altura em que determinados equipamentos entram ao serviço, são mais ou menos compreendidos naquelas que são as suas virtualidades e as suas apostas, mas, sobretudo, a referência à memória daqueles que constituem uma peça fundamental nesta gesta que, sobretudo nas ilhas do Triângulo, se concretizou, muitas vezes em condições desafiantes, em condições diria quase heroicas e que, hoje em dia, noutras condições, obviamente, e com outro conforto e outra comodidade, também todos os dias se concretiza, de nos tentar aproximar uns dos outros cada vez mais, tentar reforçar a coesão por essa via, desde logo entre estas três ilhas.

É esta a razão pela qual o Governo decidiu também, em conjunto com a Altânticoline, dar o nome do ‘Mestre Jaime Feijó’ a este navio, que passa a servir, sobretudo, as ilhas do Faial, Pico e São Jorge. Trata-se de uma homenagem a um homem que marcou, de forma indelével, esta atividade, pela sua competência, pela sua tenacidade, pela sua determinação, pelo seu espírito de serviço, alguns não hesitam em considerar também pela sua heroicidade, em circunstâncias em que, muitas vezes, foi o seu caráter destemido e o seu sentido de serviço aos outros que fez a diferença entre a vida e a morte, sobretudo quando havia a circunstância de evacuações aqui para a ilha do Faial.

Que esta seja uma forma de lembrar o homem, é certo, mas também lembrar estes valores que são tão necessários e tão importantes nos dias que correm.

Que este ‘Mestre Jaime Feijó’ honre, pelo serviço que vai prestar, o seu patrono, que tenha boas marés, que tenha bons ventos, que seja um fator de melhoria e de coesão entre estas três ilhas porque, se assim for, está também a ser um fator de coesão para toda a nossa Região.

Muito obrigada e bem hajam.